

Feira Literária das Periferias (FLUP)

Vítor Martins¹

Periferia é tudo aquilo que não está no centro. O subalterno. O distante. O negro. A favelada. O que não é central, o periférico. Fundada em 2012, a FLUP (Feira Literária das Periferias) na contracorrente, como sempre, chegou mais uma vez ao centro. Não poderia ser mais icônico. Quatrocentos e noventa e quatro anos depois do primeiro navio negreiro chegar ao Cais do Valongo, localizado a 700 metros de distância do Museu de Arte do Rio, o cubo branco se abre, as tendas se levantam e os ouvidos da cidade por livre e espontânea pressão se enchem dos ruídos das palavras cantadas, declamadas, *slamizadas*, escritas. Palavras que antes eram escravizadas e que hoje chegam com a vontade de libertar.

Assim como em 2018, a FLUP bombardeou o centro do Rio de Janeiro. O MAR (Museu de Arte do Rio) recebeu mesas, livros e vozes dissonantes. Daqui e de fora. De Conceição Evaristo à Akua Naru. Que mostraram pluralidades e vontades. Tanto de falar sobre sua condição de periférico quanto falar enquanto periférico, e essa distinção é importante. Não foi a primeira e não

1 Doutorando em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa poéticas interdisciplinares. Mestrado na mesma linha. Bacharel em Ciência Política pela Universidade de Brasília. Graduação tecnológica em fotografia. Atua como fotógrafo, artista visual e pesquisador dentro das poéticas e práticas da imagem e da ação fotográfica. E-mail: mrtnsvitor@gmail.com.

será a última vez que um espaço vulgo elitizado se abre para pensadores e artistas disruptivos, nem mesmo um espaço com um simbolismo tão grande, construído num lugar de suor, sangue e lágrimas daqueles que estão a margem e que, ao menos momentaneamente o ocuparam. Mas não estiveram ali só por serem quem são; estão porque falam, porque tem algo a dizer. A ser. São.

A uniformidade, a universalidade, é rica, branca, central. Aos negros e negras, aos distantes, aos de fora, aos marginais, fora sempre reservado o direito de, quando podem (já que nem isso era sempre permitido), falar de si e apenas de si. O amor, o abraço, gesto que encerra tradicionalmente toda a FLUP, sempre foi um direito de partir e de ser do centro. Ao central se reserva tudo, falar sobre tudo, dissertar sobre tudo, ser tudo. À margem reserva-se a margem. Se é negro, fala-se sobre, e somente sobre, o ser negro. Ser. São.

O que a FLUP possibilitou foi simplesmente o espaço de falar. Falar, sim, sobre ser quem é. E falar, sim, sempre partindo de si. Mas a dissonância vem do partir. Daqueles que partiram da África pra cá. Daqueles que partiram do centro pra lá. E partindo de sua condição para falar sobre o que o aflige. Num país e em uma história que os apagam, o simples falar já é resistência. O gritar, o slamizar, em uma cidade que mata suas Marielles é uma urgência.

E essa urgência se fez presente. Urgência de acesso. Urgência de poder. Urgência de poesia. Há uma pluralidade muito grande em evento do tipo, com vários dizeres, várias vontades, e o que une as diferentes falas, sejam nas rodas de *slams*, nas mesas, ou em uma simples olhada nos livros expostos é exatamente a urgência de falar. As formas mudam, mas não há necessidade de dar centro ao pensamento periférico, luz a questões e gargantas. E talvez nada esteja mais longe do centro do que garganta das mulheres negras. A necessidade na centralidade, no hip-hop, na literatura, na sociedade, através da forma, através da presença talvez tenha sido o grande motor da FLUP deste ano.

Há três meios de acesso à Festa Literária das Periferias: o olho, o ouvido e boca. Os três existem sob um modo de espanto. É raro ver, ouvir e deixar falar tantos negros e negras. E sob os três meios o público é convidado a entrar. Partindo de dentro para fora, da margem para o centro. Até chegar a abraçar

tanto o ser quanto a sua vontade de ir, na contracorrente dos navios negreiros, dessa vez usurpando o direito do centro e falando sobre o que bem lhe convir. Porque o falar do seu ponto já é libertador. Abrindo-se as falas diferentes, ao feminismo negro, a maior participação feminina nas manifestações da língua, dita, escrita, declamada, na potência das diversas mesas.

A FLUP é um evento de representação mais do que visual, mais do que numérico, mais do que uma grande quantidade de negros, de mulheres negras em posição de destaque e sabedoria, mas sim um evento de várias pluralidades que se fazem presentes. Como diz Solano Trindade, o homenageado desse ano: “gemido de negro é poema”. De vários gemidos se faz a Festa Literária das Periferias. Gemidos que falam de tudo, sobre sua condição, mas não somente. Gemidos que partem do íntimo até abraçar os irmãos e irmãs. Os todos.

Nós todos. Com nossas diferenças, vivendo. Lutando. Escrevendo. Lendo. Respirando.